

A configuração da paisagem urbana e a construção da imagem: reflexões sobre o bairro Jundiáí, em Anápolis

Ana Laura Lopes Cabral^{1*} (PG) (analaura-cabral@hotmail.com), Milena D'Ayala Valva (PQ)

- 1) Av. Juscelino Kubitschek, nº 146 - Bairro Jundiáí - Anápolis-GO (Campus Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas – CCSEH)

Resumo: Este trabalho trata-se de um projeto de dissertação que busca compreender aspectos do fenômeno urbano através de um objeto de estudo específico: o bairro Jundiáí. Este, projetado em 1943 na cidade de Anápolis, foi desenhado dentro dos padrões urbanísticos da *cidade-jardim* de Ebenezer Howard, caracterizado pela presença marcante de espaços livres para uso público, como praças, parques, miolos de quadra e ruas de serviço. No entanto, quando apropriado sofreu alterações significativas, transformando-o num espaço bem distinto do que foi originalmente proposto. Todo esse processo, atrelado também aos do presente, conformam a paisagem heterogênea que se tem hoje, e é sobre isto que se quer discutir aqui, abordando a relação entre esta paisagem e a imagem que se constrói acerca do bairro. Por isso, recorre-se à revisão conceitual do tema, amparada por autores interdisciplinares, acreditando ser esta abordagem de fundamental interesse para o estudo do espaço urbano. Finalmente, a pesquisa pretende criar um caminho metodológico que torne possível a identificação das diferentes percepções do bairro Jundiáí pelos indivíduos que nele habitam.

Palavras-chave: Bairro Jundiáí. Paisagem. Imagem. Heterogeneidade. Percepção.

Introdução

O interesse em compreender melhor as relações humanas leva-nos ao estudo do lugar onde elas ocorrem, o que no mundo contemporâneo, fortemente urbanizado, corresponde então, ao estudo do espaço urbano. O bairro Jundiáí representa um *objeto* interessante na medida em que compreende um leque diverso de dinâmicas urbanas que conformam um ambiente rico e heterogêneo, em vários aspectos. Esta constatação é resultado do processo pelo qual o bairro passou desde



a sua concepção, em 1943, quando foi planejado por João Alves Toledo¹, dentro da lógica do que o urbanismo denomina como *ciudades e bairros-jardins*.

Esta pesquisa, busca de forma geral, responder ao seguinte questionamento: em que medida a imagem construída acerca do bairro Jundiáí reflete a produção espacial, as relações que se estabelecem neste espaço e a configuração de sua paisagem urbana? Logo, busca-se apreender os discursos publicados a respeito do bairro Jundiáí pela população anapolina, a partir da visão de diferentes agentes produtores do espaço, comparando estas leituras à realidade urbana com a qual se depara na experiência do bairro.

Para atender a este objetivo geral, faz-se necessário: compreender e discutir os conceitos de *imagem* e *paisagem* diante das abordagens teóricas encontradas nos campos disciplinares da Arquitetura e Urbanismo e da Geografia; avaliar a imagem pública do bairro Jundiáí diante do contexto da cidade, desde sua inauguração, na década de 1940, às transformações que conformaram a paisagem urbana atual; e reconhecer e interpretar as relações de uso e apropriação do espaço e da paisagem urbana pelos indivíduos considerando as subjetividades discursivas que as representam e a imagem construída a partir destas percepções.

Para iniciar o debate acerca do tema, recorreremos ao conceito de paisagem conforme Milton Santos:

Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc.

(SANTOS, 1997, p. 61).

De acordo com Schwarcz, que entende a paisagem em sua pesquisa como “a manifestação de relações objetivas e subjetivas do indivíduo e da sociedade em determinado espaço”, a dimensão concreta e subjetiva (cultural sentimental e simbólica), estão diretamente associadas neste conceito. Para ele,

A paisagem, assim, é indissociável de seu sentido temporal, pois é mutável pela interação ativa e criativa das instâncias citadas. A paisagem admite, sob este argumento, dimensões que são perceptivas e até mesmo políticas que influenciam simbólica e concretamente a configuração do espaço [...].

¹ Engenheiro e urbanista vindo de São Paulo para projetar o bairro.

(SCHWREZ, 2017, p. 28)

Logo, falar de paisagem leva-nos a discutir questões do imaginário, coletivo e/ou individual, de quem experiencia a cidade. Lucrécia Ferrara afirma que a cidade é um *espaço de representação*, compreendendo que

As representações são signos de um objeto – cidade – e representam algo para alguém denominado seu interpretante. Afirmar que a cidade é um espaço de representação supõe estudar o modo como se manifesta e o que passa a significar para seus habitantes.

(FERRARA, 1999, p. 247)

Por isso, considera-se fundamental aproximar-se destes habitantes, dos indivíduos que experimentam, vivenciam e interpretam o espaço urbano, já que, segundo Faria, a *imagem pública* compõe o próprio sistema urbano:

O conjunto de unidades de informação que compõem a imagem pública de um dado ambiente constitui a base de conhecimento comum, contida nas representações mentais individuais. De certa forma, este conjunto de unidades de informação pode ser visto como inerente e inseparável dos demais aspectos urbanos e, assim sendo, passa a fazer parte do próprio sistema urbano.

(FARIA, 2010, p.4)

Quando nos referimos à imagem e à representação, cabe falar também de *percepção*, que segundo Santos, está relacionada à paisagem:

A dimensão da paisagem é a dimensão da percepção, o que chega aos sentidos. Por isso, o aparelho cognitivo tem importância crucial nessa apreensão, pelo fato de que toda nossa educação, formal ou informal, é feita de forma seletiva, pessoas diferentes apresentam diversas versões do mesmo fato.

(SANTOS, 1997, p. 62).

Diante do exposto, a pesquisa segue buscando tanto a compreensão dos conceitos adotados, como a experiência das dinâmicas sócio-espaciais do bairro Jundiaí, visando aproximar-se das pessoas que ali habitam para identificar as diversas formas como se interpreta e representa a *paisagem* e a *imagem* deste espaço da cidade.

Material e Métodos

A realização deste estudo dar-se-á, inicialmente, a partir do mapeamento da bibliografia pertinente ao tema, com intuito de compreender e elencar os conceitos



de *imagem* e *paisagem* que serão adotados na pesquisa, à luz da Arquitetura e Urbanismo e da Geografia, especialmente. Além dos conceitos, é fundamental tomar ciência dos dados primários e secundários existentes quanto à história do Jundiáí, desde a concepção do projeto à apropriação e consolidação do bairro no contexto da cidade de Anápolis, a fim de construir uma abordagem mais abrangente de todo o processo.

Pretende-se avaliar o bairro Jundiáí extrapolando os limites legais estabelecidos, mas, à medida que evoluírem as pesquisas, o recorte espacial da análise será melhor delimitado. Faz-se necessário também, estabelecer um recorte temporal, a fim de aprimorar o processo de mudança das dinâmicas do bairro em um determinado período. A visita aos departamentos de gestão e planejamento urbano municipais, arquivos, mapotecas e museu histórico, se fará necessária, tendo como objetivo localizar os mapas, projetos e demais informações sobre o bairro Jundiáí.

Considera-se também recorrer à história oral, através de depoimentos e entrevistas com habitantes do bairro, como fonte importante, que colabora, consoante à bibliografia, com a compreensão do contexto histórico e atual do bairro Jundiáí. As pesquisas de campo e o registro fotográfico permitirão instrumentalizar a análise da *imagem* e da *paisagem* do bairro.

Além disso, propõe-se a eleição de um percurso metodológico que possibilite a compreensão da apreensão da paisagem pelos usuários. Esse item levará em consideração o que já foi sugerido e executado por diferentes autores, mas buscará adequar uma metodologia que leve em consideração as especificidades do objeto de estudo e as novas linguagens e ferramentas do mundo em que vivemos como, por exemplo, as redes sociais e as diferentes mídias digitais que repercutem na vivência social.

Resultados e Discussão

Considerando que a presente pesquisa esteja ainda em desenvolvimento, o que apresenta-se neste item são resultados parciais referentes ao levantamento da





história do bairro Jundiaí, etapa fundamental para a compreensão do objeto de estudo em sua totalidade, já que, conforme Roberto Lobato Corrêa,

[...] o espaço urbano é um reflexo tanto de ações que se realizam no presente como também daquelas que se realizaram no passado e que deixaram suas marcas impressas nas formas espaciais do presente.

(CORRÊA, 1995, p. 8)

Aclamado nas manchetes dos jornais locais da década de 1940 como “A Maravilha Urbana”, o Bairro Jundiaí nasceu da iniciativa da recém-formada Sociedade Imobiliária de Anápolis Ltda., dirigida essencialmente por três investidores da cidade: Jonas Ferreira Alves Duarte, Lindolfo Louza e Plácido de Campos. Organizada em abril de 1943, a Sociedade tinha por finalidade o comércio de lotes e a construção de edifícios para a venda de imóveis, e, para concretizar esse objetivo, adquiriu uma área de 218.395 hectares, onde marcariam, inicialmente, 2.676 lotes.

O projeto, realizado pelo já mencionado engenheiro-urbanista João Alves Toledo, conectou o bairro ao centro da cidade através das avenidas Goiás, Barão de Cotegipe e Barão do Rio Branco, e propôs vários espaços reservados ao uso coletivo, como praças e aberturas no interior das quadras, onde inicialmente aconteciam feiras livres para os habitantes locais. Segundo dados dos jornais da época, 30% da área do bairro era destinada a *espaços públicos*, compreendendo, este número, “11,7% para parques, jardins e escolas, campos de esportes etc. e 18,3% para logradouros” (O ANÁPOLIS, 1946, p. 5). As manchetes orgulhavam-se ao anunciar a existência de 12 praças, 17 avenidas, 64 ruas e alguns parques.

As promessas das largas ruas e avenidas, que comportariam duas ou três filas de carros, e as faixas arborizadas entre os passeios apresentavam à sociedade anapolina uma atrativa ideia de “progresso”, diretamente ligada à infraestrutura urbana oferecida pelo plano do loteamento. Como consequência, os lotes que inicialmente foram lançados com valores mais acessíveis, sofreram rápida valorização imobiliária, sendo adquiridos, na maioria das vezes, por uma população mais abastada, detentora de um alto poder aquisitivo (Figura 1).

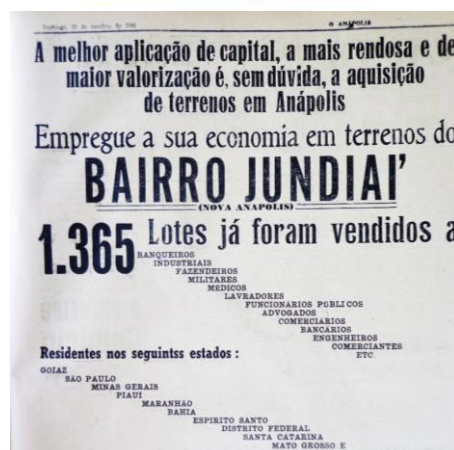
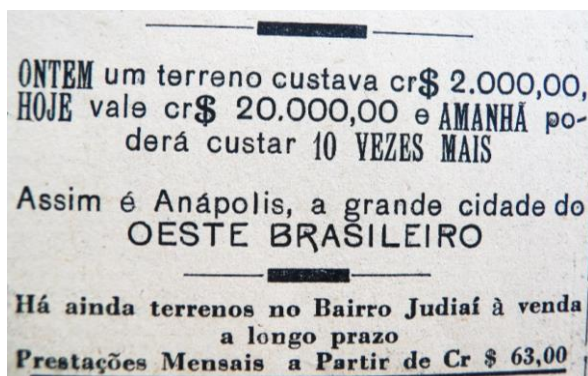


Figura 1 – Fotos do jornal “O ANÁPOLIS”, publicado em outubro de 1946. Fonte: Acervo do Museu Histórico Alberico Borges de Carvalho.

A partir da década de 50, o Jundiá desenvolveu-se e consolidou-se, passando a abrigar, além de residências, alguns edifícios comerciais e instituições de educação e saúde, destacando-se o Colégio São Francisco e a Santa Casa, respectivamente. Sobre esse período, a revista “A Cinquentenária” publicou que,

Dentre os bairros que possui a cidade de Anápolis, atualmente com mais de trinta loteamentos, destaca-se, pela sua localização e seu moderníssimo traçado, o Bairro Jundiá, com mais de 3.000 habitantes. Organizado pela Sociedade Imobiliária de Anápolis Ltda., em 1944, o Bairro Jundiá tomou impulso acelerado a partir de 1950 com a extinção da Sociedade Imobiliária, passou a ser administrado pela Cia. Comercial de Goiás, e, posteriormente, pelo Banco do Estado de Goiás, apresentando-se no ano do cinquentenário da cidade, com magnífico aspecto sendo a sede de vários e importantes estabelecimentos de ensino, hospitalar e de assistência social. O Governo do Estado cogita agora de sua urbanização, dotando-o de vários melhoramentos, tais como água, esgoto, calçamento e arborização.

(A CINQUENTENÁRIA, 1957, p.99)

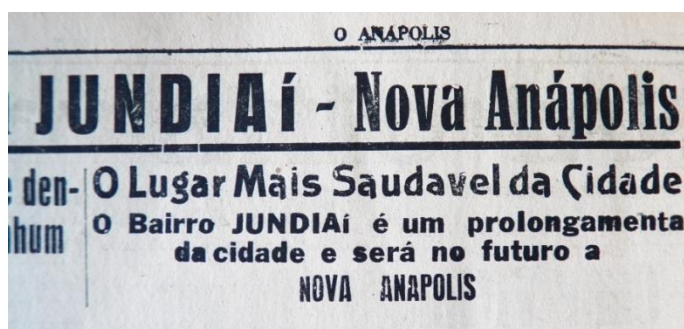


Figura 2 – Foto do jornal “O ANÁPOLIS”, publicado em dezembro de 1946. Fonte: Acervo do Museu Histórico Alberico Borges de Carvalho.



A denominação de “lugar mais saudável da cidade” (Figura 2), encontrada em diversas publicações da época, estava intimamente relacionada ao número significativo de praças e espaços vazios que caracterizavam o assentamento original do bairro. A ideia do contato com o ambiente “natural” mesmo dentro da cidade, a vista para o “verde” ou para um curso d’água, são amplamente usadas como atrativos para se adquirir imóveis no bairro Jundiaí como em qualquer outro lugar que contenha tais amenidades. A praça e o parque servem, portanto, como chamariz, e confirmam a importância de sua sinalização no contexto urbano (SERPA, 2007, p. 98).

Já a partir da década de 1980, inaugura-se o processo de verticalização no bairro Jundiaí, intensificado depois de 2000, e acompanhado das mudanças que estão arraigadas a ele, como interferências nas dinâmicas espaciais, na intensidade dos fluxos de pessoas e veículos, nos impactos ambientais, e outros fatores que alteram a conformação da paisagem urbana. Não trata-se, no entanto, de um processo que atingiu a área do bairro em sua totalidade, mas, pelo contrário, contribuiu (e ainda contribui) para consolidar a heterogeneidade sócio-espacial que o caracteriza, e a formação de áreas territoriais distintas umas das outras em diversos aspectos.

Procuramos então, identificar as diferentes realidades existentes no bairro Jundiaí, e compreender como elas são interpretadas pelos indivíduos que habitam este lugar. Este rápido panorama histórico serve-nos como ponto de partida para a compreensão do processo de construção da paisagem e da (ou das) imagem(s) que se tem sobre o objeto de pesquisa.

Considerações Finais

Retomando os conceitos de *paisagem* e de *imagem* conforme os autores citados, temos que a primeira está diretamente relacionada ao aparelho cognitivo, perpassando a experiência dos sentidos, tanto nas relações objetivas como subjetivas do espaço; e a segunda como conjunto de informações que referem-se às



representações mentais de experiências e percepções individuais, de forma a compor o próprio sistema urbano.

Considerando o exposto sobre a história de formação do bairro Jundiaí, é possível perceber que tanto sua paisagem como a imagem sofreram e ainda sofrem com as transformações de um processo que é dinâmico, e que constrói uma realidade heterogênea e sócio-espacialmente diferenciada. Processo esse que abarca desde as intenções de seu planejamento, a posterior descaracterização do projeto com a apropriação de espaços públicos, a inserção de equipamentos de interesse público e privado, a valorização imobiliária, a verticalização, a refuncionalização de algumas áreas, etc.

Acreditando ser o espaço urbano um reflexo de todas estas ações, busca-se aqui compreender este fenômeno através da leitura da paisagem e da imagem urbanas do bairro Jundiaí. São justamente estas questões que a pesquisa anseia em responder, indicando um caminho para uma apreensão mais fiel da realidade encontrada no bairro, a partir das diferentes interpretações de quem o habita.

Agradecimentos

A Universidade Estadual de Goiás, pelo amparo e incentivo à pesquisa.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (TECCER), especialmente à orientadora, Milena D'Ayala Valva, e ao co-orientador, Marcelo de Mello, pelas constantes colaborações.

Aos colegas de curso pelo apoio mútuo.

Referências

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995.

FARIA, Ana Paula Neto de. **Análise configuracional da forma urbana e sua estrutura cognitiva**. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.





V Congresso de Ensino,
Pesquisa e Extensão da UEG



FERRARA, Lucrécia D'Alessio. **O olhar periférico: Informação, Linguagem, Percepção Ambiental**. 2. ed. São Paulo: Editora da USP, 1999.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. São Paulo: HUCITEC, 1997.

SCHWREZ, João Paulo. **Patrimônio e Planejamento: Aproximações a partir da paisagem de Agudo-RS**. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

SERPA, Ângelo. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2007.

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás